

# Questões policiais e as eleições norte-americanas

A reação de amplos setores da sociedade está levando a mudanças profundas no aparelho das polícias dos EUA. Dadas as características do direito anglo-saxão, em algumas cidades as polícias têm sido literalmente extintas



Glauco Silva de Carvalho  
22 de setembro de 2020

THENEWS2/FOLHAPRESS



O presidente dos EUA, Donald Trump, que disputa sua reeleição contra Joe Biden

Em menos de dois meses, a maior potência militar e política do planeta terá eleições presidenciais. A escolha do presidente dos EUA afeta não apenas o próprio país: gera consequências em todo o mundo, dada a influência política e econômica que os o país exerce sobre todos os continentes.

Pesquisa realizada no último final de semana, 19 e 20 de setembro, indica vantagem de aproximadamente oito pontos percentuais de Biden sobre Trump. Tradição eleitoral nos Estados Unidos demonstra que, nessas mesmas circunstâncias, em outras eleições, o primeiro colocado venceria a eleição. Mas é bom não contar com o ovo da galinha! Tradições também são feitas para serem quebradas e superadas. Da mesma forma, a literatura internacional evidencia o favoritismo daquele que ocupa a cadeira presidencial em sua recondução para o cargo. Em países que adotam o instituto da *reeleição*, o ocupante do cargo tende,

naturalmente, por conta do uso da máquina e da exposição pública, a ser o favorito a vencer o pleito. Esta eleição é, por si só, uma quebra de tradições.

Há dois fatores que influenciam diretamente a vantagem do democrata Biden sobre o republicano Trump.

Em primeiro lugar, a maneira torpe, descuidada e cruel com que ele tratou o povo norte-americano durante a pandemia. Da mesma forma que a maioria dos líderes populistas, não deu a devida importância à gravidade da Covid-19, que já ceifou mais de 150 mil pessoas. Ainda “prescreveu” a tal da cloroquina como medicamento e solução para a moléstia, que hoje se mostra completamente infrutífera. Sua postura mesquinha e superficial na liderança da nação, durante tão delicado momento, contribuiu para abalar sua popularidade.

A segunda questão foram episódios de violência policial. Negros, desarmados e sem demonstrar aparente agressividade, foram mortos de maneira brutal e desumana por policiais. Sobre isto, eu gostaria de levantar algumas questões.

Em primeiro lugar, como aspectos policiais, notadamente os ligados à violência, vêm assumindo papel preponderante no cotidiano político das sociedades democráticas, onde o voto pode ser a “arma” da qual as pessoas dispõem para enfrentar governantes que não dão a devida atenção a tão sério problema. A morte de George Floyd, sufocado com o joelho de um policial, e de Jacob Blake, alvejado por sete tiros pelas costas, causaram indignação e perplexidade em todos que ainda têm um pouco de humanidade. Eventos aparentemente localizados e “simples” tornaram-se, com os novos mecanismos de difusão pelas redes sociais, um “fenômeno nacional”. E são pauta das presentes eleições.

Uma segunda questão diz respeito ao preparo das próprias polícias e seu trato com minorias. Em democracias, onde o pobre e o rico, e o preto e o branco têm o mesmo direito ao voto, minorias (que, no mundo real, são a maioria da população, e “minorias” é o conceito de quem não desfruta dos mesmos privilégios e vantagens socioeconômicas de segmentos privilegiados, estes sim, em termos numéricos, minoria) têm voz e a chave do destino político de uma dada sociedade. Esses segmentos estão mudando o rumo do pleito norte-americano neste momento.

Em terceiro lugar, o fomento de amplos setores da sociedade está levando a mudanças profundas no aparelho das polícias locais norte-americanas. Dadas as características do direito anglo-saxão, em algumas cidades as polícias têm sido literalmente extintas. Isso mesmo! Deixaram de existir da noite para o dia e o condado passou a exercer o policiamento em caráter excepcional e temporário. Até uma “nova”, literalmente nova polícia ser formada. Mudanças radicais.

Por fim, posturas policiais têm sido questionadas. E doutrinas tradicionais sido colocadas em xeque. Novas teorias estão sendo postas no tabuleiro. Muita coisa deve mudar. Enfim, tudo isto serve para dizer: não desdenhemos do povo. É ele quem elege e retira um governante do cargo. Seja em um impeachment, seja em uma eleição. Ou, nesse caso, uma reeleição!

#### **Glauco Silva de Carvalho**

Bacharel em Direito (USP), mestre e doutor em Ciência Política (USP). Coronel da reserva da PMESP, foi diretor de Polícia Comunitária e Direitos Humanos e Comandante do Policiamento na Cidade de São Paulo

---

<https://backup.forumseguranca.org.br/politica-e-policia/rdtfnfagdn0>

